

O DIA D DE ACM

Pouco sono e muito ensaio para o dia decisivo

Advogados ajudaram ACM a preparar o depoimento em que pela primeira vez foi interrogado por colegas

Diana Fernandes

● BRASÍLIA. As últimas 48 horas foram dramáticas para o senador Antonio Carlos Magalhães (PFL-BA). Com a saúde abalada, teve de correr contra o tempo para se preparar para o depoimento em que tentou salvar o mandato. Com advogados, assessores e amigos, dedicou a noite de quarta-feira e a manhã de ontem a preparar e ensaiar a primeira parte do depoimento de ontem.

Foi dormir depois das 2h e acordou por volta das 7h. Aos que passaram com ele as horas que antecederam o momento mais difícil da sua vida política garantia que o Toninho Malvadeza dera lugar ao Ternurinha. Em várias ocasiões deixou escapar frase dita esta semana: "Não posso mais ser refém do ódio". Referência à disputa que travou com o presidente do Senado, Jader Barbalho (PMDB-PA). Algumas vezes, porém, durante o depoimento, foi traído pelo lado malvadeza, mas não de forma tão contundente como antes. Ao contrário do comportamento habitual, repetiu várias vezes "por favor" e elogiou adversários como Heloísa Helena e Saturnino Braga.

Advogados acompanham senador nas últimas horas

Nenhum integrante da família apareceu nos últimos dias. Antonio Carlos passou as últimas horas no apartamento de senador acompanhado pelos advogados Arthur Castilho, Márcio Thomaz Bastos e Luís Vicente Cernichiaro. E ontem, para reforçar o cuidado com as palavras e com a imagem que deveria passar à opinião



Ailton de Freitas

ANTONIO CARLOS Magalhães quando chegava ao Senado para depor no Conselho de Ética

pública, o publicitário Fernando Barros, da Propeg, admirador confesso, que há anos faz as campanhas do senador e zela pela sua imagem, principalmente na Bahia.

Além dos advogados, recebeu os aliados baianos: os senadores Paulo Souto e Waldeck Ornélas, o governador César Borges, o prefeito de Salvador, Antônio Imbassahy, e o deputado José Carlos Aleluia. Almoçou com Borges e Imbassahy e saiu para o Senado 15 minutos antes do início do depoimento. Sentado no banco da frente do carro oficial e acompanhado apenas do motorista e um segurança, demonstrava tranqüilidade.

Pelos corredores e gabinetes vazios — os senadores que não estavam na sessão preferiram assistir de casa — o ex-prefeito do Rio Luiz Paulo Conde tentava adivinhar o que acontecerá nos próximos dias. Não arriscava uma aposta, mas justificava sua presença: — Sou amigo dele, por isso vim aqui ver o depoimento.

Assessores cuidaram da medicação e da alimentação

Apesar da tensão das últimas horas, um aparato montado por assessores e amigos garantiu a manutenção de atos rotineiros do senador. Não deixou de tomar os medicamentos para o diabetes, dormiu o

suficiente para acordar descansado e fez as refeições normais, garantem.

— É claro que existe tensão. Pela primeira vez ele será inquirido duramente pelos colegas. Mas não há preocupações maiores, porque temos a convicção de que não existem provas para puni-lo — dizia um dos amigos.

Ao gabinete, enquanto ele falava, chegavam dezenas de e-mails. A maioria era de elogios, mas houve questionamentos sobre o telefonema que deu à ex-diretora do Prodasen Regina Borges no dia em que viu a lista de votação e sobre o fato de não ter denunciado a quebra do sigilo. ■